



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13126 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

**FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA: REFLEXÕES ACERCA DO LUGAR DO CORPO E DAS PRÁTICAS CORPORAIS**

Marília Del Ponte de Assis - UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

Eliana Ayoub - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA: REFLEXÕES ACERCA DO LUGAR DO CORPO E DAS PRÁTICAS CORPORAIS**

**Resumo:** Esta pesquisa de doutorado teve o objetivo de compreender como as disciplinas relacionadas ao corpo e às práticas corporais vêm sendo desenvolvidas na formação inicial em Pedagogia em universidades públicas paulistas. Para tal, realizamos uma pesquisa qualitativa envolvendo análise documental e entrevistas. Na etapa documental, fizemos um panorama das disciplinas obrigatórias que tematizavam o corpo e as práticas corporais, por meio dos programas das disciplinas. Na etapa das entrevistas, dialogamos com responsáveis por essas disciplinas, a fim de conhecer as histórias, experiências e os caminhos percorridos por eles(as) até se tornarem docentes dessas disciplinas nos cursos de Pedagogia, bem como compreender seus saberes e suas propostas educativas. O paradigma indiciário foi adotado como inspiração para a análise dos programas das disciplinas (fontes documentais) e das entrevistas (fontes narrativas). As reflexões tomaram forma em três eixos de análise: o corpo como construção social e produção cultural; as práticas corporais como conhecimento; e a dimensão dos sentidos corporais no fazer sensível. Nesta comunicação, trouxemos o terceiro eixo para a discussão, em diálogo com as propostas de trabalho que perpassavam as práticas corporais em vivências sensíveis, tomando o corpo como lugar privilegiado da experiência e da produção de conhecimento.

**Palavras-chave:** Corpo, práticas corporais, formação docente inicial, Pedagogia.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de doutorado partiu de reflexões e inquietudes acerca dos conhecimentos que perpassam a formação inicial em Pedagogia, especialmente em relação ao ensino de temas concernentes ao corpo e às práticas corporais. Partimos da seguinte problemática: como têm sido trabalhadas as disciplinas que tematizam o corpo e as práticas corporais na formação inicial em Pedagogia de universidades públicas do Estado de São Paulo? Ao eleger a constituição dessas disciplinas como objeto de estudo, interessou-nos principalmente sua organização a partir das experiências, dos conhecimentos e dos saberes narrados pelos(as) docentes responsáveis por elas.

O principal objetivo desta pesquisa foi analisar como as disciplinas relacionadas ao corpo e às práticas corporais na formação em Pedagogia vêm sendo trabalhadas por docentes cuja formação inicial é em Educação Física, sendo esse o principal critério de escolha dos(as) participantes deste estudo.

De natureza qualitativa, nesta pesquisa foi adotada a proposição do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) como perspectiva de busca, compreensão e análise das fontes levantadas a partir dos programas das disciplinas (fontes documentais) e das entrevistas com os(as) docentes que as ministravam (fontes narrativas).

Na etapa documental, levantou-se um panorama das disciplinas obrigatórias que tematizavam o corpo e as práticas corporais nos cursos de Pedagogia de universidades públicas paulistas por meio da análise dos programas dessas disciplinas. Partindo do pressuposto de que, nem sempre, esses documentos refletem o trabalho que é exercido pelos(as) docentes em sua prática pedagógica, sentimos a necessidade de entrevistar as(os) docentes responsáveis por essas disciplinas com a intenção de conhecer mais profundamente os seus trabalhos.

A entrevista aberta foi escolhida como procedimento privilegiado do percurso investigativo, na qual o sujeito discorre livremente sobre o tema, e os questionamentos feitos por quem investiga ocorrem no sentido de dar mais profundidade às reflexões, numa construção dialógica (MINAYO, 2007). Nesta etapa, foram selecionados(as) seis docentes e, a partir das narrativas de cada entrevistado(a), pudemos acessar as minúcias de suas escolhas em seu modo de atuar, com a intenção de conhecer suas histórias e experiências e compreender seus saberes e suas propostas educativas, bem como os caminhos percorridos por eles(as) até se tornarem docentes dessas disciplinas nos cursos de Pedagogia.

Os achados da investigação tomaram forma em três eixos de análise: o corpo como construção social e produção cultural; as práticas corporais como conhecimento; e a

dimensão dos sentidos corporais no fazer sensível. Nesta comunicação, trouxemos o terceiro eixo para a discussão, em diálogo com as propostas de trabalho de quatro docentes que perpassavam as práticas corporais em vivências sensíveis, tomando o corpo como lugar privilegiado da experiência e da produção de conhecimento.

## **DIÁLOGOS COM AS NARRATIVAS DOCENTES: A DIMENSÃO DOS SENTIDOS CORPORAIS NO FAZER SENSÍVEL**

Como signo do humano, lugar de sua distinção e de sua diferença, o corpo não é algo dado indiscutivelmente, não é apreensível, não é uma realidade em si – ele é efeito de uma construção social, cultural e simbólica, adquirindo sentido com o olhar cultural do sujeito (LE BRETON, 2016a). Considerando nossa condição humana corporal, estamos imersos(as) num banho sensorial ininterrupto e, a princípio, jamais cessamos de ver, de escutar, de tocar, de degustar, de cheirar, enfim, de sentir o mundo que existe no nosso entorno (LE BRETON, 2016; 2016a).

De forma clássica, os sentidos que compreendem a visão, a audição, o tato, o paladar e o olfato têm funções bem circunscritas, como informar sobre os acontecimentos do mundo e alertar o corpo dos perigos externos que o ameaçam. Assim, havia uma visão tradicional da consciência, bem como da sensibilidade, que reservava pouco espaço a representações interiores do corpo, e as sensações internas, por muito tempo, foram negligenciadas, com exceção daquelas que se referem à dor (VIGARELLO, 2016). Este autor revê o passado do que ele chamou de “obrigação” de ouvir o corpo, para uma melhor compreensão do “sentimento de si” na atualidade. Desse modo, tais percepções do experimentar o corpo e seus efeitos de experimentar-se, de sentir-se, evidencia não somente um passado, mas também uma história e uma significação, com suas progressivas e complexas descobertas, conquistas e transformações.

Essa perspectiva pressupõe a relevância do olhar, do ouvir, do tocar, do degustar e do cheirar e, para além disso, pressupõe um sentido que é o cinestésico, cujas percepções se dão à medida que vemos, ouvimos, tocamos, saboreamos, cheiramos, experimentamos a temperatura ambiente, percebemos o murmúrio interior do corpo em suas relações com o mundo. Portanto, fazemos do mundo uma medida de nossa experiência, tornando-o comunicável às outras pessoas, que também estão, como nós, imersas num sistema de referências sociais e culturais que nos constituem (LE BRETON, 2009, 2016a)

Desse modo, defendemos na formação em Pedagogia a importância de se experimentar no corpo, com o corpo, pelo corpo, aquilo que não é possível encontrar em livros: a exploração sensorial do corpo, a oportunidade de tocar e ser tocada(o), de se expressar e ser vista(o), o que implica processos de ensino-aprendizado que passam pela

dimensão da prática, do fazer sensível, do experimentar e experimentar-se por meio de diferentes linguagens que ultrapassam, por exemplo, a leitura e a discussão de textos escritos (STRAZZACAPPA, 2015; AYOUB, 2012, 2021).

Os desconfortos que disciplinas com as características mencionadas acima geralmente ocasionam remetem-nos aos cuidados que devemos ter acerca desse fazer corporal sensível, no qual são trabalhados temas relacionados ao conhecimento de si e do outro, em que se faz presente o toque no próprio corpo e no corpo do outro.

Na Universidade de São Paulo (USP), no contexto da disciplina “Cultura corporal: fundamentação, metodologia e vivências”, a docente 1 mencionou que começou a ficar mais atenta às emoções que afloravam durante suas aulas no sentido de entender como isso afetava as(os) estudantes. Ela se questionava: *O que está tocando nessas pessoas que um chora, o outro ri, o outro fica bravo, o outro se irrita, mas chega no final do curso todo mundo quer fazer festa e fala que tem que ter a optativa dois? O que está pegando?* (docente 1). Ela narrou estar convencida de que queria sensibilizar as(os) estudantes com esse tipo de disciplina, pois percebia que, quando elas(es) se sentiam tocadas(os), partícipes desse processo, sendo potencialmente afetadas(os) por ele, as reverberações acabavam acontecendo em sua atuação na escola sem que fosse necessário ficar ensinando “receitas” do que fazer nesse espaço educativo.

Na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), segundo a docente 2, uma das proposições iniciais da disciplina “Educação, corpo e arte” era que *ela tinha que ser uma disciplina com características práticas. Ela não seria uma disciplina em que o(a) aluno(a) vai estudar alguma coisa e fica sentado(a)* (docente 2). Dentro das possibilidades e dos limites corporais de cada pessoa, esse fazer corporal sensível foi tomado como importante por ser uma forma de experiência e de formação, imprescindível *para que você experiencie os desafios que são lidar com o seu corpo e o corpo do outro* (docente 2).

Na mesma disciplina, já de acordo com o docente 3, o fazer corporal sensível implicava confrontos do sujeito consigo mesmo, em que o docente e as(os) estudantes procuravam lidar com as dificuldades que surgiam. O docente relatou ser comum as(os) estudantes falarem que não conseguiam fazer alguma coisa, que tinham dificuldade com o trabalho corporal de sensibilização. Havia aquelas(es), a maioria, que realmente se dispunham a fazer o proposto, mas também acontecia de algumas(uns) se recusarem a fazê-lo, por considerar alguma proposta, de certa forma, invasiva ou constrangedora, ou que tocava em coisas delicadas.

Na disciplina “Corporeidade e movimento” da Universidade Estadual Paulista (Unesp – Campus Bauru), o diálogo entre a teoria e a prática se fazia necessário, segundo a docente 4, porém com a devida atenção que uma disciplina como essa implicava: *não dá pra ficar só no praticismo, como diria Paulo Freire, mas também ficar só na teoria às vezes a gente não chega naquilo que quer* (docente 4). O cuidado com o fazer corporal sensível

relacionava-se com a não instrumentalização das atividades, pois não adiantava apresentar somente conteúdos e sequências para serem desenvolvidas na escola se a(o) estudante *não tiver essa compreensão da importância desse movimento para a criança e se ela não sentir no próprio corpo o que esse movimento pode provocar* (docente 4). Ela narrou que algumas(uns) estudantes que já estavam atuando nas escolas relataram, por exemplo, que nunca se sentavam no chão com as crianças e que começaram a se sentir mais disponíveis corporalmente para se envolver com elas.

Entendemos que esse modo de pensar sobre a dimensão corporal da formação dessas(es) futuras(os) professoras(os) ancora-se em propostas nas quais o fazer sensível passa pela prática justamente nesse sentido de elas(es) perceberem pelo/no/com o próprio corpo os prazeres e as dificuldades que também estão presentes no contexto escolar.

As narrativas docentes a respeito dos trabalhos que são desenvolvidos nas disciplinas pesquisadas revelam a singularidade de cada percurso formativo em suas propostas didático-metodológicas, as quais expressam o entrelaçamento das experiências e dos saberes docentes constituídos em sua formação e atuação profissional, numa constante busca por meios que possibilitem a construção de modos outros de compreender os sentidos corporais no fazer sensível e de conceber o corpo e as práticas corporais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A área da educação tem publicado um conjunto significativo de estudos e pesquisas concernentes ao corpo como temática central, o que pode ser reconhecido como um avanço para o campo educacional (AYOUB; SOARES, 2019).

Podemos afirmar que as fontes documentais e narrativas levantadas nesta investigação permitiram que não só refletíssemos sobre essa temática na formação docente inicial, mas também observássemos suas possíveis repercussões didáticas no processo educativo que acontece na educação básica.

Enfatizamos, ainda, a necessidade de se propiciar propostas formativas cada vez mais significativas, acolhedoras e inclusivas. Acreditamos que a exploração sensível de cada pessoa na relação consigo mesma e com os outros também é conhecimento que se produz, que se inscreve em nós por meio de práticas corporais que podem ser pensadas como fontes de resistência e de emancipação.

Por fim, os achados da nossa pesquisa indiciam que ainda temos um longo percurso a fazer em direção a uma formação inicial em Pedagogia que considere efetivamente os temas relacionados ao corpo e às práticas corporais, na perspectiva aqui defendida, como lugares fundamentais em currículos envolvidos com as experiências e histórias de vida das

pessoas, com os entusiasmos, objetivos e propósitos interpelados em suas práticas.

## REFERÊNCIAS

AYOUB, Eliana. Gestos, cartas, experiências compartilhadas. **Leitura: Teoria & Prática** (suplemento), Associação de Leitura do Brasil, Campinas, n. 58, p. 274-283, jun. 2012. Disponível em: [https://alb.org.br/wp-content/uploads/2015/11/ltp\\_58\\_suplemento\\_18cole.pdf](https://alb.org.br/wp-content/uploads/2015/11/ltp_58_suplemento_18cole.pdf). Acesso em: 9 dez. 2020.

AYOUB, Eliana. **Memórias da educação física na escola: cartas de professoras**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

AYOUB, Eliana; SOARES, Carmen Lúcia. Estudos e pesquisas do e sobre o corpo: a produção da Pro-Posições (1990-2018). **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0077>.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016a.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2007.

STRAZZACAPPA, Márcia. Pensando sobre o corpo (ou dando corpo ao pensamento) na formação de professores. *In: Anais do Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia*. São Paulo, 2015.

VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: história da percepção do corpo, séculos XVI-XX**. Petrópolis: Vozes, 2016.